Cibercultura e Comunicação: reflexões epistemológicas e aproximação entre os campos

Alessandro dos Santos Souza[1]

Christina Maria Pedrazza Sêga[2]

Resumo:

Consideramos relevantes as contribuições das pesquisas que colocam a cibercultura como temática central, pois têm fornecido insumos e suscitado discussões sobre o papel das novas tecnologias da comunicação em nossa atualidade. Entretanto, na maior parte dos trabalhos, essa aproximação entre cibercultura e comunicação aparece como uma questão superada ou, ainda, encontra-se completamente negligenciada. Recentemente, alguns autores têm procurado estabelecer caminhos que justifiquem ou validem as ligações entre essas temáticas. Neste artigo, vamos rever e analisar duas dessas propostas e apresentar uma visão complementar, uma reflexão epistemológica que parte da nomeação dos objetos de estudo dessas matérias e propõe a cibercultura com um subcampo que aborda os objetos de estudo preferenciais da Comunicação relacionados à internet e à cultura digital, apresentando elementos para uma epistemologia da cibercultura.

Palavras-chave: Cibercultura. Comunicação. Epistemologia.

1 Mestre em Teorias e Tecnologias da Comunicação, Gerente de Marketing no Banco do Brasil Seguridade. Email: jornalista.alessandro@gmail.com

2 Pós-doutorado em Física Aplicada à Comunicação: caos, fractais e complexidade. Doutora em Ciências da Comunicação pela Universidade Nova de Lisboa (PT). Docente aposentada da Universidade de Brasília. Atualmente, desenvolve pesquisa em Comunicação, Consumo e Complexidade. Email: segach@hotmail.com

Cibercultura y comunicación: reflexiones epistemológicas y cercanía entre los campos

Resumen

Consideramos relevantes los aportes de las investigaciones que ponen a la cibercultura como tema central, ya que proporcionan los insumos y las discusiones sobre el papel de las nuevas tecnologías de la comunicación en la sociedad contemporánea. Sin embargo, en la mayoría de los estudios, este acercamiento entre la cibercultura y la comunicación parece ser superado o, peor aún, se encuentra completamente descuidado. Aún así, en las investigaciones más recientes, algunos autores han tratado de establecer formas de justificar o validar los vínculos entre estos temas. En este artículo, revisamos y analizamos dos de estas propuestas y presentar una visión complementaria, una reflexión epistemológica sobre la base de lo más destacado de los objetos de estudio de cada una de estas cuestiones, y propone la cibercultura como un subcampo que se ocupa de los objetos preferidos de estudio de comunicación relacionada con la Internet y la cultura digital, presentando elementos para una epistemología de la cibercultura.

Palabras clave: Cibercultura. Comunicación. Epistemología.

Cyberculture and communication: reflections and epistemological approach from their objects of study

Abstract

We consider to be relevant the contributions of the researches that put cyberculture as a central theme, since they provide *inputs* and discussions about the role of new communication technologies in the contemporary society. However, in most studies, this rapprochement between cyberculture and communication appears to be surpassed or, even worse, finds itself completely neglected. Even so, on more recent researches, some authors have been attempting to establish ways to justify or validate the links between these issues. In this article, we review and analyze two such proposals and present a complementary view, an epistemological reflection based on the highlight of the objects of study of each of these matters, and proposes cyberculture as being a subfield that addresses the preferred objects of study of communication related to the internet and digital culture, presenting elements for an epistemology of cyberculture.

Keywords: Cyberculture. Communication. Epistemology.

1 Introdução

Como parte da cultura contemporânea, o fenômeno da conversação por meios digitais desperta o interesse de um vasto número de disciplinas e saberes constituídos, cada qual procurando identificar em seus próprios objetos e teorias, a melhor forma para entrada na discussão. Para a Comunicação não é diferente. A partir da popularização do computador e, principalmente, do desenvolvimento da internet, as novas formas de relacionamento mediadas por esses dispositivos ganharam lugar na discussão sobre o papel da comunicação como elemento dinamizador das culturas e aspecto fundamental das mudanças na sociedade. Questões como o aumento na velocidade das trocas (de mercadorias, informações etc.), o encurtamento das distâncias (sensação de compressão espacial) e a globalizações, não passam despercebidas pela discussão teórica do saber comunicacional[1].

Entre os caminhos que buscam dar conta das relações entre os processos de comunicação e a tecnologia, verifica-se uma quantidade significativa de autores que tratam do tema pela perspectiva da **cibercultura** e para tanto os dividimos em três partes. Na primeira parte, destacamos a necessidade de clarificação e discussão de questões como, por exemplo, as bases em que essa aproximação da cibercultura com a comunicação poderia prosperar. A segunda está em um melhor entendimento do que significa a cibercultura e o que tem sido estudado sob essa denominação. Na terceira, o objetivo é problematizar de forma adequada a aproximação, ou seja, defender a necessidade de que ela ocorra não em bases exclusivamente modistas, institucionais ou semânticos, mas sim do ponto de vista epistemológico, abordando neste percurso parte da discussão sobre os objetos de estudo da Comunicação.

Há uma quantidade considerável, dentro e fora do Brasil, de trabalhos que apresentam um panorama histórico da cibercultura. Podemos citar Rob Kitchin (1998) e Philippe Breton (1990), enquanto no Brasil falaríamos em André Lemos (2008) e Francisco Rüdiger (2011). Todos eles elencam, sob suas próprias perspectivas, eventos e discussões históricas em torno das tecnologias da comunicação. Da mesma forma, já há alguns trabalhos desenvolvidos por pes-

1 Para mais detalhes em relação às relações entre as práticas comunicacionais e a globalização ver SODRÉ, M. Antropológica do espelho: uma teoria da comunicação linear e em rede. Ed. Vozes. Petrópolis, 2002. *chats*

quisadores da comunicação e que procuram investigar as origens e a justificação da aproximação entre comunicação e cibercultura. Podemos citar Erick Felinto, no artigo "Sem mapas para esses territórios" (2007) e Sandra Montardo, em seu "Comunicação como forma social" (2005). Faremos um resgate de suas contribuições a seguir.

2 Aproximação entre comunicação e cibercultura

Aqui, então, destacaremos brevemente essa perspectiva a partir dos trabalhos desenvolvidos por dois autores: Erick Felinto e Sandra Montardo. Esses pontos de vista ilustram possíveis caminhos para uma discussão que considera a cibercultura como uma temática vinculada à comunicação. Destaque-se que, na maior parte dos estudos ciberculturais, no entanto, tal aproximação é dada como certa e nem mesmo se faz menção de que alguma consideração a respeito seria necessária.

Erick Felinto escreveu o artigo "Sem mapas para esses territórios" (2007), em que se propõe a oferecer uma cartografia inicial do território constituído pela comunicação e pela cibercultura, avaliando as bases de aproximação entre as duas "áreas" a partir de um diagnóstico do conjunto dos estudos e abordagens correntes sobre a cibercultura. Sugere, assim, a proposição de três definições para a cibercultura: a) como domínio das comunicações, práticas e percepções sociais ligadas às tecnologias informacionais; b) como conjunto de narrativas ficcionais que expressam uma visão de mundo da cibercultura; c) como campo das apreensões teóricas a respeito da cultura contemporânea e meios digitais de comunicação. Ao observarmos o detalhamento que o autor propõe para cada uma dessas definições, temos, respectivamente: comportamentos e formas discursivas em *chats* e construção de identidade na internet; ficção científica pós-moderna, cinema, literatura e especulações utópicas sobre o futuro da cibercultura; e, por fim, o conjunto da literatura acadêmica sobre a cibercultura e a produção dos teóricos.

Como a contribuição de Felinto se baseia em sugerir definições da cibercultura, perde-se a oportunidade de promover uma reflexão sobre quais seriam os objetos de estudo da cibercultura e sua interação com os da comunicação, este sim um exercício que, entendemos, pode esclarecer questões sobre a ligação entre as duas áreas.

Ainda que o autor expresse a insuficiência de mapear a cibercultura apenas pelo expediente da definição conceitual, não consegue nesse trabalho avançar em outras proposições consistentes sobre como evoluir para melhor compreender as relações aí estabelecidas. Dessa forma, o artigo pouco acrescenta para a discussão da ligação entre comunicação e cibercultura; na realidade, assume-se uma divisão da cibercultura cuja fundamentação não se encontra explícita e que coloca no mesmo patamar, temáticas tão díspares quanto literatura acadêmica, ficção científica e análises das práticas em ferramentas como *chats*, sem que tenhamos subsídios para avaliar de onde parte tal categorização. O autor afirma, ainda, que "essas três definições de cibercultura envolvem, de maneira direta ou indireta, problemas que podem legitimamente caracterizar-se como da alçada da comunicação" (p.8). Porém, em nenhum momento, discute os objetos da comunicação, suas teorias e a reflexão epistemológica que seria tão importante para justificar a aproximação entre os campos de estudo, de forma que não sabemos exatamente a que se prende essa afirmação.

Sandra Montardo também se propõe a analisar onde está localizada a interseção entre comunicação e cibercultura. Articulando conceitos de forma social e tragédia da cultura de Georg Simmel, com a ideia de comunicação em dupla hélice de Dominique Wolton, busca entender como a comunicação pode se inscrever no âmbito da cibercultura, levando-se em conta um conceito de comunicação versátil que relaciona a dinâmica das TICs (tecnologias da informação e comunicação) com a fragmentação da subjetividade característica da cibercultura.

A contribuição da autora nesta linha de raciocínio está contida no artigo "Comunicação como forma social" (2005). Para ela a relação entre as duas áreas já está institucionalizada, provavelmente pela inserção das TICs (tecnologias de informação e comunicação) no mundo contemporâneo, "de forma a contemplar questões relativas à comunicação mediada por computador, bem como a sua influência na indústria de comunicação e na sociedade" (p. 2). A autora desenvolve uma sequência de relações entre teorias e proposições da comunicação e da cibercultura que envolvem temas como: interação social, mediação tecnológica, meios de comunicação generalizada (ou de massa), laços sociais, modernidade e pós-modernidade, teoria do agir comunicacional, comunicação normativa e funcional, técnica, ciência, tecnologia, dinheiro, poder, espaço, tempo, cibercultura como irracionalidade pós-moderna etc.

Os autores principais que fornecem os subsídios para essas discussões são: Simmel, Habermas, Wolton, Marc-Riev, Flichy, Lemos, Levy e Dubey.

A conclusão da autora é que a comunicação como forma social se insere no ambiente fragmentado da cibercultura como garantia da viabilidade da socialização. Entendemos que sua abordagem é bastante abrangente e pertinente no que se refere aos objetos de estudo da comunicação, pois aborda a cultura de massa, a interação mediada e os meios de comunicação generalizada, colocando a discussão num nível propriamente epistemológico, ao abordar as teorias que podem relacionar todas essas variáveis. Além disso, coloca em pauta na discussão da cibercultura, fatores como tecnologia e influência do dinheiro nas dinâmicas comunicacionais contemporâneas.

Antes de expormos nossa própria visão sobre o tema, que de certa forma tem alguma afinidade com a proposta de Montardo, é preciso retornar a algumas definições básicas, a partir de nossa perspectiva, em relação aos elementos aqui destacados: cibercultura e comunicação. Em relação à cibercultura, seguirá um breve relato histórico dos fatores cruciais de seu advento e consolidação. Para a comunicação, optaremos por fazer uma breve discussão epistemológica de seus objetos de estudo, o que já nos colocará imediatamente no centro da discussão que desejamos empreender.

3 Antecedentes da cibercultura

Para aqueles que procuram fazer um resgate histórico das inovações que nos trouxeram ao atual estado em relação às tecnologias da comunicação, a cibernética é eventualmente evocada como ponto de partida, especialmente para aqueles que decidem trilhar a via da cibercultura. A motivação para isso é razoável e remete ao fato de que a formalização dos termos da cibernética, ciência transdisciplinar proposta por Norbert Wiener, no final da década de 1940, está baseada nos conceitos de controle e comunicação, especialmente na transmissão de informações de um ponto a outro de um determinado sistema. Para a cibernética, é constante a analogia do funcionamento das máquinas com o do corpo humano, sendo seu objetivo principal contribuir com a criação de mecanismos e tecnologias cada

vez mais autônomos e livres de falhas, que pudessem desempenhar funções para os quais o homem não estava apto ou que envolvessem riscos, insalubridade etc.

A formalização do termo cibernética foi proposta por Norbert Wiener, numa obra publicada em 1948, no período pós Segunda Guerra Mundial: *Cybernetics: or control and communication in the animal and the machine*, ou seja, Cibernética: ou controle e comunicação nos animais e nas máquinas. No curso de seus estudos, Wiener observou que os novos computadores que começavam a ser desenvolvidos, não eram apenas aparatos para o desempenho de tarefas brutas e repetitivas; pelo contrário, eram mecanismos mais sofisticados, capazes de desenvolver atividades intelectuais e substituir a presença humana em determinados casos, com ganhos de velocidade e menos falhas. Wiener, entretanto, muito cedo se juntou ao campo dos que "desejavam uma profunda reflexão sobre a utilização das descobertas científicas e das invenções técnicas, principalmente com finalidades de destruição ou de opressão" (BRETON, 1991, p. 156).

Se o caráter agregador, a abrangência e a riqueza de ideias novas foram o combustível para o sucesso inicial da cibernética, o passar dos anos viu o interesse dos cientistas declinar, por diversos motivos: o receio de que a cibernética englobasse todas as outras especialidades, o desenvolvimento de materiais mais especulativos e menos consistentes por profissionais oportunistas, dissensões internas no grupo de fundadores, entre outras questões (BRETON, 1991, pp. 158-159). A cibernética como idealizada por Wiener chegaria ao fim na década de 1960, com a morte do matemático e com o desenvolvimento de áreas como a informática, a inteligência artificial, bem como outras teorias inicialmente abarcadas pela cibernética, por caminhos separados. A separação entre o desenvolvimento dos estudos da cibernética e dos primórdios da informática pode ser atribuída, em parte, pela postura convicta de Wiener contra a instituição militar. Assim, a informática caminhava para se tornar uma técnica de manipulação da informação, mas Wiener se mantinha distante de praticamente todas as pesquisas relativas a computadores – justamente quando começavam a se tornar operacionais – pois a quase totalidade desses estudos ou eram organizados ou financiados pelo exército americano (BRETON, 1991, p. 163).

Circunstâncias históricas, como a preocupação com a defesa dos territórios no período da "Guerra Fria", portan-

to, explicam o fato de o computador e a informática desenvolverem-se inicialmente no domínio militar. Os debates sobre uma possível terceira guerra davam conta de que ela seria baseada muito mais em cálculos, precisão, velocidade e inteligência do que havia sido até então. Nesse novo universo, as máquinas tomaram o lugar dos homens, por necessidade e por concorrência.

Os centros de pesquisa universitários também tiveram papel preponderante na criação do computador e da informática, pois contaram com financiamentos governamentais para esse fim. A década de 1950 marcou o início da fase de utilização dos computadores por indústrias e empresas de prestação de serviços de grande porte. Na década seguinte (1960), a informática difundiu-se na sociedade sob a forma de grandes sistemas centralizados, extremamente complexos, que progressivamente tornaram-se os agentes em torno dos quais as maiores empresas e os principais governos se organizavam[2].

Com isso, a sociedade civil passou a se conhecer melhor e ter acesso a dados que permitiam identificar problemas ligados à dinâmica de crescimento dos aglomerados urbanos. O desenvolvimento dos instrumentos para cálculos estatísticos permitiu avaliar o aumento populacional, a circulação monetária, as trocas econômicas, os deslocamentos de pessoas e outras questões mensuráveis que marcavam o cotidiano de uma sociedade de consumo em expansão, especialmente no Ocidente e no Japão. As relações se tornavam cada vez mais complexas e, consequentemente, interligadas. A velocidade de resposta se tornava preponderante para a manutenção de governos e empresas. Uma pesada burocracia se formava para manter todos esses elos funcionando de forma integrada.

Então, em meados da década de 1970, acontece um importante movimento de ruptura em relação à forma como esse desenvolvimento da informática vinha acontecendo, um verdadeiro realinhamento de propósitos, com o desenvolvimento do microcomputador – então chamado de "personal computer" (PC) – por jovens universitários americanos[3]. Segundo Philippe Breton:

2 BRETON, Philippe. História da Informática, 1991.

3 Em 1975, Paul Allen e Bill Gates, universitários com cerca de 20 anos de idade na época, empenharam-se em desenvolver uma adaptação da linguagem computacional utilizada pelos computadores do tipo Mainframe para o computador pessoal da época, Altair. A resposta positiva de Altair foi um marco na história do

> A invenção do microcomputador tinha por objetivo explícito abrir uma brecha na centralização e na posse de preciosas 'informações' por alguns privilegiados. A 'guerrilha' microinformática, em parte, recebeu seus louros. Ela se constituiu em uma espécie de revolução dentro da revolução e seu radicalismo esteve, em grande parte, na origem do nascimento da "cultura informática", compartilhada por um grande público e fator de democratização da vida social e do saber (BRETON: 1991, pp. 235-6).

É clássica nos dias de hoje a história do nascimento da Apple, com sua maçã mordida significando a expulsão do paraíso, a transgressão em relação aos valores sociais vigentes à época. Liderada por Steve Jobs, soube também explorar os aspectos de marketing para inserir o discurso de "poder ao alcance de todos" no contexto das vendas de suas máquinas. Pela primeira vez, as pessoas comuns, os usuários leigos, tinham acesso a pedaços de tecnologia altamente desenvolvida em suas casas, a partir de interfaces que não param de evoluir e se tornar mais fáceis de usar até hoje. A revolução que colocou o grande público no centro do desenvolvimento dos computadores é composta, portanto, de duas principais inovações: as tecnológicas e a atitude jovem, a contracultura, o desafio às instituições.

É importante destacar essa ideia de que a evolução tecnológica não foi o único fator responsável pelo surgimento da cibercultura ou, como analisa André Lemos, "mais do que simples inovações técnicas, o nascimento da microinformática (e da cibercultura) é fruto de movimentos sociais" (LEMOS: 2008, p. 105). Assim como Breton, o autor resgata esse momento e destaca que não é exagero afirmar que a cibercultura surge com a microinformática, como uma mobilização social e uma espécie de "guerrilha" dos primeiros usuários contra a estrutura burocrática de uma tecnocracia das classes dominantes que surgia para reforçar paradigmas e ideologias da modernidade: progresso, desenvolvimento, modos de vida, códigos morais.

Mas, além do desenvolvimento da microinformática, havia ainda um estágio decisivo para que a cibercultura

PC e eles fundaram a empresa de *software* chamada Microsoft. O programa da Microsoft tornou Altair apto ao trabalho cotidiano, pois a conexão de um monitor e um teclado permitiu ao usuário escrever, desenvolver jogos e calcular. Esse evento fez surgir empresas para a produção de computadores pessoais. A principal fabricante dessa fase inicial foi a Apple Computadores, fundada por Steve Jobs e Steve Wozniac, em 1976. Disponível em www.centrodememoria.unicamp.br/arqhist/content/uploads/arquivos/pdf/Informatica_Ensino.pdf. Acesso em 17/02/2013

pudesse estar completa: o desenvolvimento das redes telemáticas ligando pessoas ao redor do mundo. Foi o desejo de estabelecer contato e se comunicar em escala global que motivou as pessoas que trabalhavam para expandir as primeiras redes, antes de a internet ser ligada. Hoje, a percepção da vinculação da comunicação com a cibercultura é ampla. Isso se deve a uma radicalização do uso do computador para o relacionamento interpessoal, que por vezes ofusca os outros usos possíveis do computador conectado. Para Raquel Recuero, "o computador, mais do que uma ferramenta de pesquisa de dados e de trabalho, é hoje uma ferramenta social, caracterizada principalmente pelos usos conversacionais" (RECUERO, 2012, p. 21).

A ligação prática entre comunicação e cibercultura começou a se estabelecer desde os momentos iniciais do advento dessas redes conectadas via ligações discadas por modem. Isso porque, na medida em que cresciam em número de participantes e de assuntos em discussão, também aumentava o interesse em conhecer mais sobre o comportamento das pessoas enquanto estavam "online" e como elas diferenciavam suas experiências nos *chats*, BBSs, *instant messengers* etc., da vida real. Todo esse emaranhado de relações ganhou grande impulso quando o meio acadêmico passou a se interessar por tais assuntos, eliminando os ares místicos e buscando entender seu funcionamento em bases metodologicamente orientadas.

4 Abordagem epistemológica – Objetos de estudo da Comunicação

Em meio às pesquisas acerca da cibercultura, temos desenvolvido a ideia de que esta se constitui como campo (ou subcampo) de estudo privilegiado para a comunicação. A partir dessa perspectiva, procuramos identificar as aproximações entre os objetos de estudo da comunicação e da cibercultura.

Assim, começamos nossa abordagem perguntando "O que consiste o objeto de estudo da comunicação?". Como Martino (2001), acreditamos que responder a essa questão é um passo importante para mostrar "como uma disciplina pode legitimamente reivindicar o estudo dos processos comunicacionais de tal forma que não coincida com o objeto de nenhuma outra, e que por sua vez não fique ao nível da generalidade do objeto das ciências do homem ou da Filosofia" (p. 64).

Vera França (2010) acredita que "um campo científico - uma ciência, uma disciplina ou um determinado domínio do saber - se define antes de tudo pelo seu objeto" (2010, p.39). No caso da Comunicação, a resposta mais imediata ao questionamento sobre seu objeto advém de sua dimensão empírica, ou seja, do fato de as diferentes práticas comunicacionais constituírem "um objeto que está à nossa frente, disponível aos nossos sentidos, materializado em objetos e práticas que podemos ver, ouvir, tocar" (p.39). Contudo, a aparente certeza que os fatos sensíveis do mundo nos conferem quanto ao significado da comunicação é enganosa, pois os objetos de pesquisa ou de estudo de uma disciplina (ou ciência) nunca estão prontos à espera da simples observação. Pelo contrário, devem ser construídos a partir de um determinado ponto de vista.

Ou seja, se a primeira resposta para a discussão do objeto de estudo da comunicação remete a um objeto empírico, é importante notar que a palavra comunicação possui outra dimensão, sendo também "um conceito, uma forma de apreensão, uma representação dessas diferentes práticas – uma maneira de concebê-las e conhecê-las" (FRANÇA, 2010, p.42). A segunda acepção seria, então, uma construção conceitual da comunicação, que busca avançar na definição do objeto de estudo ao agregar o "recorte teórico e epistemológico" aos fatos da realidade concreta.

Tal posicionamento, de separar os objetos empíricos provenientes da observação do cotidiano, daqueles teoricamente construídos, transformados em objetos de pesquisa, é bastante aceito no meio acadêmico. A ideia é formalizada com precisão por Bruyne, para quem "cada disciplina – sociologia, psicologia, etnologia, economia, etc. – não deve visar o conjunto do espaço epistêmico das ciências do homem, mas delimitar estritamente – metodologicamente – um campo de analise, um aspecto particular desse espaço" (BRUYNE, 1991, p. 26). Delimitar metodologicamente, quer dizer que os conhecimentos são sistematizados e isolados artificialmente, ou seja, em um nível abstrato de análise. O autor entende que é essencial situar a pesquisa em um campo epistemológico, ou seja, visar uma 'objetividade de tipo científico', pois a escolha epistêmica é a "recusa da atitude natural que coloca o mundo em si como objeto. Ela tem o efeito de arrancar o objeto científico do vivido, de pensar sua especificidade, de fazer sua teoria e sua verificação sistemática" (BRUYNE, 1991, p. 29).

Vera França identifica uma série de tensões no espaço acadêmico da comunicação – "na articulação de teorias;

na relação entre teoria e prática; na diferenciação, pluralidade e movimentos de seus objetos" (FRANÇA, 2010, p.42). A autora também destaca a fragmentação do conjunto de teorias da comunicação, que busca dar conta de um universo vasto de práticas, a partir de aportes bastante heterogêneos. Somando-se todas essas dificuldades epistemológicas e metodológicas, a autora conclui que "o campo da comunicação ainda não constituiu com clareza seu objeto, nem sua metodologia" (FRANÇA, 2010, p.42) e, na impossibilidade de qualificar a área enquanto domínio científico, prefere a semântica de um espaço interdisciplinar.

De forma bastante objetiva, Braga afirma que há duas possibilidades para a definição do objeto de conhecimento da Comunicação, que ajudam a organizar a reflexão:

> uma delas é a proposta de que o objeto da Comunicação é toda e qualquer "conversação" do espaço social. Ou melhor: o que há de propriamente "conversacional" e de troca (simbólica e de práticas interativas) nas diversas instâncias e situações da vida social. Em contraposição a esta visão da comunicação generalizada (mas ainda com ênfase nos processos comunicacionais – de trocas simbólicas e práticas, portanto), uma preferência mais circunscrita, enfocando apenas o que ocorre nos meios de comunicação social, MCS ou mídia (BRAGA, 2001, p. 15).

Para ele, as duas concepções apresentam vantagens e problemas. A ênfase nos meios de comunicação tem o risco de segmentar o objeto em "questões tecnológicas, ou jurídico-políticas, ou expressivo-interpretativas, ou outras" (BRAGA, 2001, p. 15). Além disso, ele acredita que por mais que façamos um esforço de reunir diversos ângulos de análise das formas pelas quais os meios de comunicação se manifestam "fica uma certa sensação de que outros processos sociais, que não comparecem em relação de contiguidade imediata com a mídia, estariam nos escapando à observação e portanto ao trabalho do conhecimento" (BRAGA, 2001, p. 16).

Consideradas essas questões, Braga prefere focar sua análise nas possibilidades e dificuldades de adoção da perspectiva ampla, ou seja, do objeto da comunicação enquanto conversação do espaço social. O autor vai, então, complementar que uma vez aceito o conceito, prefere a denominação de interação comunicacional para designar o fenômeno, pois o termo conversação pode sugerir um modelo "dialógico-simétrico-alternado-recíproco" que pode

ser impreciso ou inexistente em algumas instâncias.

Avançando na definição, Braga ilustra a diferença de ponto de vista das disciplinas que se dedicam ao estudo da comunicação, pois

> em todas as demais áreas observa-se a comunicação enquanto processo que faz funcionar alguma outra atividade ou instância de interesse social-humano – a literatura, a linguagem, a política, as trocas econômicas etc. No campo específico da Comunicação, inversamente, os diferentes objetivos e objetos do humano e do social é que seriam percebidos pelo ângulo prioritário da comunicação que os organiza e que deles decorre (BRAGA, 2001, p. 18).

Contudo, conforme observado pelo próprio autor, parece ser mais fácil defender teoricamente a possibilidade de um ângulo prioritário de análise para a comunicação – baseada na interação – do que desenvolver efetivamente essa ideia nas pesquisas da área. Não porque essa não seja coerente, mas porque é difícil imaginar que haverá uma distinção rigorosa desse ângulo preferencial e, muito menos que estes estejam explícitos. Além disso, ao sair das proximidades dos meios de comunicação, fica difícil evitar a confusão dos aspectos culturais com os comunicacionais. Ou seja, "ao passar dos meios às mediações, às vezes o que parece haver de propriamente comunicacional nas relações dos usuários com a mídia parece se diluir no cultural" (BRAGA, 2001, p. 18).

Para Martino, o fato de as Ciências Humanas terem o homem, ser comunicativo por natureza, como objeto de estudo comum, "faz com que a análise dos processos comunicativos seja um ponto de passagem quase que obrigatório" para suas disciplinas constituintes, o que dificulta a delimitação mais precisa do objeto da comunicação (2010, p. 28). Porém, se a Comunicação almeja o reconhecimento de seu estatuto disciplinar, precisa ficar claro que não se trata apenas de um ponto de encontro de outros saberes. O autor destaca que o problema não é novo, sendo corrente a opinião de que "uma visão retrospectiva dos estudos da área revelaria a oscilação do objeto da Comunicação entre os meios de comunicação e a cultura de massa" (MARTINO, 2001, p. 79). E acredita que, neste caso, duas observações se impõem: 1) rever mais atentamente o que as grandes escolas chamam de meios de comunicação; 2) essa oposição,

artificial, deveria ser superada por uma análise que integre esses dois fatores, sem subordinar um termo ao outro (determinismo tecnológico x cultura).

Note-se que, em relação à Braga, permanece a acepção de objeto como sendo os meios de comunicação. Porém, o que Braga chama de interação comunicacional, em Martino desaparece e, no lugar, temos "Cultura de Massa". Isso mostra quão válida é a preocupação de Braga de que os aspectos de estudo da interação comunicacional sejam subsumidos aos aspectos culturais, com suas premissas mais delineadas.

Se Braga faz a escolha de uma perspectiva mais ampla para o objeto de estudo da comunicação, as interações comunicacionais, Martino opta pela perspectiva mais restrita, a dos meios de comunicação. Ou seja,

> os processos comunicativos no interior da cultura de massa constituem certamente o objeto da Comunicação, mas a característica inalienável, e portanto mais própria a esta disciplina, reside na perspectiva que ela adota, ou seja, na interpretação desses processos tendo como base um quadro teórico dos meios de comunicação. Trata-se de uma leitura do social realizada a partir dos meios de comunicação, o que equivale a dizer que os meios de comunicação e cultura de massa não se opõem, nem podem ser reduzidos um ao outro, ao contrário, eles exigem uma relação de reciprocidade e complementação (MARTINO, 2010, p. 31).

Após todas essas questões, acreditamos que a forma mais adequada de entender a cibercultura não se relaciona a uma construção abstrata ligada às tecnologias da comunicação e nem mesmo como uma cultura alternativa formada por usuários da internet, mas sim um campo de estudos com objetos próprios e que permite a elaboração de pesquisas em Comunicação tomando a atualidade como base para as reflexões. O fato de considerarmos a cibercultura como um campo de estudos é, de certa forma, reconhecer algo que já vem sendo feito na prática; muitos autores, estudantes e pesquisadores já vêm desenvolvendo pesquisas que ligam comunicação e cibercultura, aparentemente tomando esta última como um "subcampo" da Comunicação. Com isso, queremos dizer que uma definição etimológica, por exemplo, é insuficiente para dar conta de tudo que está hoje vinculado à cibercultura, todas as dinâmicas, perspec-

tivas, fenômenos, pontos de vista e, por que não, expectativas. E nossa proposta é configurar um campo de estudos vinculado aos objetos da comunicação.

É certo que há, ainda, muitas pontes a serem construídas, ou seja, muitas questões colocadas aqui precisam ser matéria de um estudo mais dedicado, até mesmo os mais fundamentais como a enunciação dos objetos de estudo aqui chamados de "preferenciais" da comunicação. Ou, ainda, a necessidade de insistir numa conceituação completa e mais consensual para o termo cibercultura. Ainda assim, os elementos aqui apresentados para o debate e a reflexão sobre os estudos em cibercultura visam exatamente estimular que o conhecimento na área seja desenvolvido já considerando uma instância reflexiva e epistemológica que permita uma autocrítica do conhecimento, contribuindo com elementos para uma epistemologia (por que não?) da própria cibercultura, enquanto subcampo de estudos da Comunicação.

Nesse sentido, a reflexão epistemológica dessa aproximação entre comunicação e cibercultura pode fortalecer os estudos atuais que se abrigam no cruzamento das teorias "tradicionais" da comunicação com as pesquisas recentes sobre o papel da comunicação em nossa atualidade, que são aglutinadoras de variáveis como tecnologia, globalização, capitalismo, cultura de massa etc. Assim, é possível problematizar questões tão diversas como: mobilização e engajamento pelas mídias sociais, diferentes graus de interação e colaboração online, segurança dos dados na internet, anonimato e capital social na rede mundial de computadores etc. Tudo isso a partir de um ponto de vista comunicacional, efetivamente vinculado a seus objetos e, ao mesmo tempo, às temáticas da cibercultura.

5 Considerações Finais

Especialmente no que concerne à comunicação e à cibercultura, o advento dos computadores e da internet representam profundas mudanças na forma como vemos o mundo. Novos elementos passaram a fazer parte do cotidiano das pessoas, alterando para sempre a forma de nos comunicarmos e até de nos relacionarmos. Talvez o aspecto de maior destaque nessa dinâmica tenha sido a propagação do computador pessoal que, como vimos, quebrou uma

sequência lógica de dominação da informação por pequenos grupos a partir de movimentos ocorridos na década de 70. Ao ser ligado à rede mundial de usuários, a internet, o PC então criou possibilidades até então inimagináveis de comunicação, acesso à informação, contato com diferentes culturas, expressão das mais diferentes opiniões etc.

É a partir da perspectiva reflexiva sobre esses processos comunicacionais advindos com as novas tecnologias da comunicação que surge a cibercultura em sua forma plena, como uma construção simbólica representativa, ao mesmo tempo, tanto de um espaço livre para a circulação de informações como das relações entre os interatores.

A maior parte dos trabalhos sobre cibercultura são desenvolvidos sem a preocupação de justificar a aproximação deste campo com a comunicação. Tal preocupação tem aparecido apenas recentemente, com alguns autores procurando estabelecer bases para a vinculação das temáticas. De nossa parte, acreditamos ser mais adequada a caracterização e delimitação dos campos de estudo, com seus objetos preferenciais destacados, ou seja, é necessário conferir um caráter epistemológico para essa inter-relação. A partir disso, pode-se estabelecer a ligação entre comunicação e cibercultura, uma vez que esta última nos permite estudar a evolução da comunicação humana mediada pelo computador, especialmente a partir do advento da internet, com todas as implicações que esse fenômeno trouxe e continua trazendo, ao se expandir cotidianamente para um número cada vez maior de pessoas ao redor do mundo.

Trazer a reflexão epistemológica, com suas vertentes filosófica e científica, permite enriquecer muito a argumentação para a cibercultura, no caminho para uma epistemologia própria, enquanto subcampo de estudos da comunicação, preocupando-se com tudo aquilo que se relaciona com o ciberespaço, o que já é muita coisa.

Referências

BRAGA, J. L. Constituição do campo da comunicação. In: FAUSTO NETO, A; PRADO, J.L; PORTO, S. D (orgs.). Campo da Comunicação: Caracterização, Problematizações e Perspectivas. João Pessoa: Ed. UFPB, 2001.

BRAGA, J. L. Constituição do campo da comunicação. São Leopoldo: Verso e Reverso, jan-abr 2011.

BRETON, Philippe. História da Informática. São Paulo: Unesp, 1991.

FELINTO, Erick. Sem Mapas para esses Territórios: a Cibercultura como Campo de Conhecimento. Santos: Intercom XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2007.

FRANÇA, Vera Veiga. O objeto da comunicação/A comunicação como objeto. In: HOHLFELDT, Antônio; MARTINO Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. Teorias da Comunicação: Conceitos, Escolas e Tendências. Petrópolis: Editora Vozes, 2010.

KITCHIN, Rob. "Theoretical Perspective: Approaching Cyberspace". Cyberspace: The World in the Wires. New York: Wiley. 1998, pp. 56–72.

LEMOS, André. Cibercultura, tecnologia e vida social na cultura contemporânea. Porto Alegre: Sulina, 2008.

LEMOS, André. CUNHA, Paulo (Orgs.). Olhares sobre a cibercultura. Porto Alegre: Sulina, 2003.

LOPES, M. I. V. O campo da comunicação: sua constituição, desafios e dilemas. Porto Alegre: FAMECOS, nº 30, ago. 2006.

MARTINO, L. C. Elementos para uma epistemologia da comunicação. In: FAUSTO NETO, A; PRADO, J.L; PORTO, S. D (orgs.). Campo da Comunicação: Caracterização, Problematizações e Perspectivas. João Pessoa: Ed. UFPB, 2001.

MARTINO, L. C. As epistemologias contemporâneas e o lugar da comunicação. In: LOPES, Maria Immacolata V. (Org.). Epistemologia da comunicação. São Paulo: Loyola, 2003, p. 69-104.

MARTINO, L. C. Abordagens e representação do campo comunicacional. São Paulo: Comunicação, mídia e consumo, vol. 3, n. 8, nov. 2006.

MARTINO, L.C.; Berger, C.R.; Craig, R.T. Teorias da comunicação: muitas ou poucas? São Saulo: Ateliê Editorial, 2007.

MARTINO, L. C. De qual comunicação estamos falando? In: HOHLFELDT, Antônio; MARTINO, L. C.; FRANÇA, Vera Veiga. Teorias da Comunicação: Conceitos, Escolas e Tendências. Petrópolis: Editora Vozes, 2010, pp. 11-25.

MONTARDO, Sandra. Comunicação como forma social: proposta de interseção entre a comunicação e a cibercultura. Rio de janeiro: Intercom XXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 2005.

QUIROGA, T. Teoria e episteme comunicacional. In: Ferreira, Giovandro Marcus et al. Teorias da comunicação: trajetórias investigativas. Porto Alegre: EdiPUCRS, 2010.

RECUERO, Raquel. A conversação em rede: comunicação mediada pelo computador e redes sociais na Internet. Porto Alegre: Sulina, 2012.

RÜDIGER, Francisco. As teorias da cibercultura. Editora Sulina. Porto Alegre, 2011.

SANTAELLA, Lucia. Comunicação e Pesquisa: projetos para mestrado e doutorado, 2ª ed. São José do Rio Preto: Bluecom, 2010.

WIENER, Norbert. Cybernetics: or control and communication in the animal and the machine. John Willey & Sons, Inc. New York, 1948.

Recebido em 19.11.2014.. Aceito em 15.12.2014.